

Grupo Focal Como Instrumento De Investigação Na Identificação Da Implementação Das Leis 10.639/03 E 11.645/08 Na Educação Infantil Da Rede Própria E Rede Parceira (Creches) Da Regional Leste No Município De Belo Horizonte

Focus Group as a Research Instrument in Identifying the Implementation of Laws 10.639/03 and 11.645/08 in Early Childhood Education in the Own Network and Partner Network (Daycare Centers) of the Eastern Region in the Municipality of Belo Horizonte

VIEIRA, Viviane de Paula¹
SILVEIRA, Katia Pedros²

Resumo

A proposta do grupo focal como metodologia usada neste plano de ação com o objetivo de apontar indicadores da percepção dos coordenadores Pedagógicos em relação as práticas educativas voltadas para o trabalho desenvolvido sobre as relações étnico-raciais nas instituições de Educação Infantil da regional Leste da rede própria e rede parceira (creches), e a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Buscamos identificar as dificuldades, desafios e perspectivas para estabelecer estratégias de trabalho que venham a favorecer a temática no Plano de Trabalho, no Projeto Político Pedagógico e nas ações desenvolvidas. O grupo Focal se insere no modo de pesquisa qualitativo, no entorno de diálogos, onde se incentiva a exposição de ideias dos envolvidos, de modo espontâneo em torno de um foco. Nesta vertente, justifica-se a utilização desta metodologia como instrumento de investigação na identificação de práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil, bem como do trabalho da coordenação pedagógica nesse contexto, considerando que parte das atribuições do coordenador é garantir um trabalho pautado na proposta pedagógica da instituição, assim como a implementação das diretrizes que norteiam a Política Municipal de Educação.

Palavras chave: Práticas Pedagógicas, Grupo Focal, Coordenação Pedagógica, étnico-racial, diversidade.

Abstract

The proposal of the focus group as a methodology used in this action plan with the objective of pointing out indicators of the perception of Pedagogical coordinators in relation to educational practices focused on the work developed on ethnic-racial relations in Early Childhood Education institutions in the Eastern region of the own network and partner network (daycare centers), and the implementation of Laws 10,639/03 and 11,645/08. We seek to identify the difficulties, challenges and perspectives to establish work strategies that will favor the theme in the Work Plan, in the Pedagogical Political Project and in the actions developed. The Focus group is part of the qualitative research mode, in the context of dialogues, where the exposure of ideas from those involved is encouraged, spontaneously around a focus. In this aspect, the use of this methodology as an instrument of investigation in identifying pedagogical practices developed in Early Childhood Education, as well as the work of pedagogical coordination in this context, is justified, considering that part of the coordinator's duties is to guarantee work based on the institution's pedagogical proposal, as well as the implementation of the guidelines that guide the Municipal Education Policy.

Keywords: Pedagogical Practices, Focus Group, Pedagogical Coordination, ethnic-racial, diversity.

¹ Pós graduada em Educação, Diversidade e Intersetorialidade pela UFMG/LASEB (*Latu Sensu* Docência na Educação Básica) e em Pedagogia Clínica e Institucional pela FACUMINAS (Faculdade de Minas Gerais), professora de Educação Infantil, experiência na área da Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

² Doutorado e mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Colégio Técnico da UFMG e do curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas - FIEI/UFMG. Experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Química, atuando principalmente, no Ensino Médio, na formação de professores de ciências e química e formação de educadores indígenas.

1. Grupo Focal

Por se organizar como processo de comunicação nos diálogos estabelecidos, o grupo focal possibilita um levantamento de material para posteriores análises, permitindo a geração de hipóteses, a construção teórica e a construção de instrumentos de trabalho com o intuito de auxiliar o grupo na elaboração de estratégias de trabalho.

A proposta foi a de promover uma reflexão teórica sobre a importância da temática: Implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 na Educação Infantil da Rede Própria e Rede Parceira (creches) da Regional Leste no município de Belo Horizonte, levando o grupo de coordenadoras a repensar modos de viabilizar, junto ao grupo de professores, o fortalecimento da prática educativa assegurando um trabalho pautado pela implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08. Pretendemos assim, a tomada de consciência de suas expectativas/dificuldades, nas trocas de experiências, nas interações estabelecidas, na aceitação das orientações da equipe, na busca de referenciais e no posicionamento em relação ao próprio trabalho.

O grupo focal vem sendo usado há muito tempo, sendo mencionado como técnica de pesquisa em *marketing* nos anos 1920 e usado por Robert Merton na década de 1950 para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra. Nos anos 1970 e 1980, o uso dos grupos de discussão como fonte de informação em pesquisa foi comum em áreas muito particulares, sendo que no início dos anos 1980 houve a preocupação em adaptar essa técnica ao uso na investigação científica (Gatti, 2005).

Os grupos focais são preferencialmente usados em pesquisas explorativas ou avaliativas, podendo ser a principal fonte de dados ou como uma técnica complementar em pesquisas quantitativas (Merton, Fisk, Kendall, 1990), ou qualitativas associada às técnicas de entrevista em profundidade e de observação participante (Morgan, 1997). São identificados contudo, outros propósitos de caráter mais específico na utilização dos grupos focais na pesquisa tais como: focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas de investigação, subsidiar a elaboração de instrumentos de pesquisa experimental e quantitativa; orientar o pesquisador para um campo de investigação e para linguagem local, avaliar um serviço ou programa, desenvolver hipótese de pesquisa para estudos complementares (Morgan, 1997; Minayo, 2000; Veiga, Gondim, 2001; Gaskell, Bauer, 2002)

Esse aporte metodológico permite subentender as motivações e a extensão das visões e experiências sobre o foco criado pelos próprios participantes, permitindo, pela análise realizada, determinar núcleos de significação.

Os núcleos de significação se definem em possíveis momentos de fechamento com relação a ideias centrais que podem ser expostas e, assim nortear caminhos e estratégias coletivas em comum.

[...] temas os mais diversos caracterizados por uma maior frequência (pela repetição ou reiteração), pela importância enfatizada nas falas dos informantes, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições, pelas insinuações não concretizadas. (Aguilar, Ozella, 2006, p.13)

Neste sentido, o trabalho com grupos focais permite compreender os seguintes aspectos: processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamento e atitudes. Assim, constitui-se numa técnica importante para o conhecimento das representações, crenças, percepções, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

A constituição do grupo focal se faz com sujeitos de pesquisa em questão, além de um moderador. Segundo Morgan (1988), o moderador deve estimular a atenção do grupo para o foco, a fim de não ocorrerem distorções e perda dos objetivos em relação ao assunto proposto, evitando posições tendenciosas dos participantes.

O moderador nunca deve expor suas opiniões ou criticar os comentários dos participantes, apenas conduzir os encontros para que os diálogos não se percam, permitindo que a discussão flua, só intervindo para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso. Assim, cabe a este a criação de um ambiente favorável a uma discussão que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista.

A interação grupal é a fundamentação do próprio grupo focal, pois:

[...] o centro dos grupos focais é utilizar explicitamente a interação grupal para produzir dados e insights, que de outra forma não seriam obtidos. Portanto, pode-se conceituar grupo focal como uma técnica de pesquisa qualitativa, realizada através de um grupo de interação focalizada, que permite ampla e profunda discussão entre os componentes sobre o tema em foco (Guareshi, 1996 *apud* Romero, 2000, p. 60)

Nas interações entre as pessoas, geralmente suscitam uma rica observação de ideias novas e originais além da obtenção pelo moderador, de conhecimentos diretos em relação as atitudes, expressões orais e corporais que permitem uma leitura significativa das falas e expressões. Neste sentido, a observação e análise de gestos e manifestações são fundamentais.

A formação do grupo focal não deve ser feita de maneira aleatória, sendo necessário estabelecer critérios previamente definidos que subsidiem essa seleção. Os participantes podem, por exemplo, frequentar o mesmo ambiente de trabalho, exercitar a mesma profissão, partilhar das mesmas características em nível de escolaridade, possuírem as mesmas condições sociais ou serem funcionários de um único setor público. Baseando-se nesses critérios, torna-se possível a formação de um grupo focal que permita um ambiente favorável as discussões e propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (Minayo, 2000). Os critérios definidos pelo pesquisador para a formação do grupo focal devem proporcionar um debate aberto que se fundamenta numa discussão racional, na qual, as diferenças de *status* entre os participantes não sejam levadas em consideração (Gaskell, 2000).

É importante atentar-se para o quantitativo de participantes, lembrando que quanto maior o grupo, maior será a dificuldade do moderador em conseguir compreender e registrar as percepções, conceitos e manifestações em torno do debate proposto. Nesse sentido, Pizzol (2004), considera que o tamanho ótimo para um grupo focal é aquele que permita a participação efetiva de todos e a discussão adequada dos temas, sendo considerado satisfatório um número entre seis e quinze participantes por grupo.

1.1. Dialogando com os sujeitos (as)

Como ponto de partida foi enviado, via *e-mail*, um questionário (em anexo) para todos os coordenadores de Educação Infantil participantes do núcleo de estudos étnico-raciais da Regional Leste. Em um total de quarenta e cinco (45) coordenadores, apenas vinte e seis (26) nos deram retorno. O questionário continha quatro (04) perguntas objetivas e sete (07) abertas, todas relacionadas ao tema deste manuscrito. A formulação das questões visava uma aproximação das coordenadoras com o tema da pesquisa, a fim de tomarem ciência sobre o assunto a ser debatido. Dos vinte e seis (26) questionários respondidos, foram selecionadas cinco coordenadoras para participarem do grupo focal. As selecionadas são coordenadoras pedagógicas de três (03) creches da rede parceira, uma (01) Escola Municipal de Educação Infantil e uma (01) Escola Municipal de Ensino Fundamental com turma de Educação Infantil.

Buscando viabilizar o desenvolvimento do trabalho, adotou-se como critério para a seleção das participantes: serem coordenadoras de instituições as quais a pesquisadora faz acompanhamento pedagógico, o que favoreceu a logística dos encontros e o envolvimento de todas nas discussões. Por

outro lado, os diferentes formatos das instituições das participantes, possibilitou a formação de um grupo oriundo de realidades distintas e de diferentes frentes.

A Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI, atende crianças do recorte etário de 1 a 5 anos de idade. Sua gestão é composta por diretor, vice-diretor, coordenação geral e coordenação parcial. O corpo docente é composto por um total de 20 professores, além de 2 apoios ao educando (profissional que acompanha as crianças com deficiência). Já a Escola Municipal de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil – Escola Híbrida, possui um quadro gestor e docente maior, pois trata-se de uma instituição com 8 turmas de Educação Infantil e uma turma de cada segmento do Ensino Fundamental, do primeiro ao quinto ano, sendo um total de quarenta e cinco (45) funcionários entre professores e apoio ao educando. As creches atendem crianças de 0 a 5 anos, e não contam com uma equipe gestora tão ampla como as escolas da rede própria. Sua gestão é composta por um presidente, que geralmente responde apenas pelas questões administrativas, e um coordenador pedagógico e administrativo, além dos professores e apoio ao educando. Isso torna as creches mais vulneráveis em relação ao acompanhamento pedagógico e às ações desenvolvidas que, de acordo com a Minuta de Convênio com o Município (Secretaria Municipal de Educação, 2019), devem seguir as mesmas Diretrizes que as escolas da rede própria. Nesse contexto, as creches demandam, por parte do Apoio Pedagógico, uma maior atenção. Sendo apenas conveniadas e não parte, de fato, da rede, a maioria pertence a uma mantenedora de cunho religioso, o que favorece ações equivocadas em relação à proposta pedagógica municipal. Isso, frequentemente, gera conflitos e enfrentamentos com as famílias e/ou acarreta desacordos com a Política do Município.

O plano de trabalho foi desenhado para que o grupo focal fosse desenvolvido ao longo de cinco encontros. Entretanto, devido a outras demandas, incompatibilidade de agendas e tempo, nos organizamos em quatro encontros, sendo que o segundo e o terceiro aconteceram no mesmo dia. Além dos encontros, foram realizadas também visitas às instituições e momentos de formação de professores em parceria com as coordenadoras do grupo focal.

Em cada encontro do grupo focal, procurou-se manter a atenção máxima aos depoimentos das participantes que expressavam aspectos que interferiam na construção das práticas pedagógicas como também fatores que causavam tensões e dificuldades na rotina das instituições. O grupo se sentiu muito à vontade e seguro em todos os encontros, o que facilitou a interação e a qualidade dos diálogos estabelecidos. Os encontros foram regados de muita emoção e reflexão acerca do tema proposto, onde o maior desafio da pesquisa estava em aguçar o olhar e ouvir atentamente o grupo.

O primeiro encontro, no dia 11/04, foi a acolhida ao grupo. Todas se apresentaram e logo um vínculo de confiança e partilha de experiências se estabeleceu. As visitas ocorreram durante e após a realização do grupo focal. Nesses momentos, foi possível perceber e acompanhar como se dão e como são desenvolvidas as práticas pedagógicas dentro das especificidades de cada instituição.

O questionário enviado via *e-mail*, semanas antes, às participantes foi o detonador do primeiro encontro. Ele foi elaborado em duas partes, algumas questões básicas de apresentação e exposição de dados pessoais e profissionais, além de questões específicas relacionadas ao tema do plano de ação. A formulação desse questionário visou uma aproximação do grupo de coordenadoras com o tema da pesquisa, a fim de que tomassem ciência do assunto a ser discutido e descrevessem sobre sua prática pedagógica e experiências relacionadas às relações étnico-raciais na Educação Infantil, explicitando seus anseios, expectativas, desafios e avanços.

A dinâmica desse primeiro encontro consistiu na acolhida das participantes. Krueger (1998) e Morgan (1998) recomendam um local para a realização da dinâmica de grupo que seja acolhedor e informal. Um espaço onde o moderador-pesquisador expõe os objetivos da pesquisa, firmando o termo de consentimento, a autorização do uso de imagem e relatos expostos no grupo, deixando clara a questão ética na pesquisa, além de orientações quanto a dinâmica do grupo focal.

O primeiro encontro do grupo focal se deu no dia 11/04/2019, no período da tarde, na sala de reuniões da Regional Leste e participaram quatro coordenadores de quatro instituições com especificidades diferentes, duas creches, uma escola Híbrida, e uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI. A terceira creche justificou sua ausência devido a uma demanda emergencial. A pedido das participantes foi acordado, no primeiro momento, a preservação de sua identidade, assim como o nome real das instituições na qual atuam. Portanto, neste trabalho, identificaram-se as instituições participantes do grupo focal como: CRECHE 1, CRECHE 2, CRECHE 3, EMEI e EH.

Uma mesa de ambientação foi preparada para recepcionar o grupo com café, chá e algumas guloseimas, a fim de tornar o ambiente acolhedor. Foram apresentados os objetivos da pesquisa e conversamos sobre a metodologia proposta, o grupo focal. Esclarecemos a intenção de incentivar a participação dos envolvidos de modo espontâneo e em torno das práticas pedagógicas desenvolvidas nas diversas instituições. Explicitamos ainda, o foco no tema, da Educação Infantil voltada para as relações étnico-raciais e implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e da Política de Promoção da Igualdade Racial nas instituições.

Firmamos no primeiro momento todos os combinados acerca da pesquisa, como o uso de nomes fictícios para as instituições e/ou das participantes, autorização para uso de imagem, respeito mútuo frente as opiniões e concepções, compromisso na participação e presença em todos os encontros.

Conversamos sobre o questionário supracitado, antes do encontro, no qual todas tiveram a oportunidade de relatar um pouco sobre seu trabalho e sua trajetória na educação. A maioria, tem mais de cinco anos de experiência no trabalho com a Educação Infantil, tem conhecimento e apropriação das leis 10.639/03 e 11.645/08 e três delas participam assiduamente dos encontros do núcleo étnico-racial que acontecem uma vez por mês, promovidos pela Regional Leste que, em parceria com a Gerência das Relações Étnico-Raciais/SMED, vem incorporando as diretrizes previstas nas referidas leis e na política de Promoção da Igualdade Racial, na cidade de Belo Horizonte.

De acordo com as coordenadoras, as práticas mais comuns desenvolvidas nas escolas, referentes ao tema das relações étnico-raciais, acontecem por meio de rodas de conversa, contação de histórias do kit de literatura afro-brasileiro, *CD's* de músicas de repertório africano e indígena, brinquedos, jogos, além de material de estudo dos professores.

Os kits de literatura afro-brasileiros são destinados aos espaços reservados para incentivo à leitura, como cantinho da leitura, brinquedoteca, sala de multimeios ou multiuso nas instituições de Educação Infantil da rede própria e conveniada. São compostos por no mínimo 100 títulos que incluem as temáticas: étnico-racial, indígena, e diversidade cultural. Apesar de todo esse material disponível, as participantes relatam que em muitas instituições ele fica escondido, fora do alcance de todos ou até mesmo ignorado pelo corpo docente.

A resistência de muitos professores em desenvolver práticas voltadas para essa temática é a dificuldade mais destacada pelo grupo. Além disso, elas também relatam um entendimento equivocado por parte de algumas famílias de que, o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena envolveria, na verdade, um pressuposto religioso.

O desinteresse de muitos professores por materiais que remetem as tratativas étnico-raciais também são fatores importantes apontados pelas coordenadoras o que dificulta a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Por outro lado, as coordenadoras consideram como avanços o enfoque nos projetos anuais relacionados à implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, a participação no núcleo de estudos regionalizados, a formação de professores e a inclusão das famílias nas atividades propostas sobre a temática.

Ao final do questionário, cada participante escreveu sobre sua trajetória/práticas pedagógicas envolvendo as relações étnico raciais. A discussão sobre essas trajetórias foi um momento de muita emoção e reflexão. Cada uma trouxe suas recordações mais significativas de vida, desde a infância, lembrando suas experiências enquanto alunas sujeitas às práticas preconceituosas e racistas uma vez que se identificam como negras e pardas. Aos poucos, seus sentimentos e impasses enfrentados ao longo de suas trajetórias profissionais foram apresentadas. Esse exercício propiciou uma reflexão sobre o papel que cada uma desempenha hoje, a frente do trabalho pedagógico, assim como a responsabilidade de todas na garantia de práticas efetivas acerca da promoção da igualdade na Educação Infantil.

Nesse primeiro encontro o principal objetivo foi a acolhida e a interação do grupo. Além disso, procurou-se trazer algumas reflexões sobre o papel do coordenador na instituição de ensino e os fatores que contribuem e que dificultam o trabalho voltado para a promoção da Igualdade, uma vez que a coordenação acompanha diretamente o trabalho do corpo docente. Desta forma, refletiu-se sobre:

- a) A importância do planejamento e do Projeto Político Pedagógico.
- b) Conhecer e divulgar as Leis 10.639/03 e 11.645/08.
- c) Adequar as atividades propostas para a Educação Étnico-Racial.
- d) Estimular a interdisciplinaridade.
- e) Atentar-se para situações de preconceito racial.

O 2º encontro aconteceu no dia 25/04/2019, tendo a presença de todas as participantes. Nesse dia, todas expuseram seus sentimentos e percepções sobre as práticas pedagógicas nas diversas instituições que atuam. Isso possibilitou um levantamento de material para posterior análise. Iniciamos com uma dinâmica, usando o poema “Procura-se”.

Procura-se

Mais gente para trabalhar e menos gente para criticar.
Mais gente bem-humorada e menos gente queixosa e murmuradora.

Mais gente que faz e menos gente que fala.
Mais gente para dizer que vai dar certo e menos gente para dizer que é impossível.
Mais gente para inspirar o outro e menos gente para jogar balde de água fria.
Mais gente para se envolver nos problemas e menos gente para ficar sentada a beira do caminho.
Mais gente para indicar o que é certo e menos gente para mostrar o que está errado.
Mais gente que ama a generosidade e menos gente que ama o dinheiro e é avarenta.
Mais gente que firma seus valores e menos gente que abandona seus sonhos.

Autor desconhecido.

Sob a inspiração do poema, as coordenadoras foram convidadas a refletir sobre as atribuições do professor da Educação Infantil. Elas foram convidadas a escrever um anúncio para contratação de uma professora para trabalhar em sua instituição. Para tanto, a primeira tarefa do grupo foi estabelecer os requisitos necessários ao candidato para assumir a função de professor de Educação Infantil. Foram identificadas as seguintes características: ter amor pela profissão, dedicação, imaginação e criatividade, respeito ao desenvolvimento da criança, comprometimento, afinidade por crianças pequenas, habilidades de cuidar e educar, ser habilitado e ser capaz de respeitar a história de vida de seus alunos e familiares.

Foi feita uma breve discussão a respeito das atribuições do professor de Educação Infantil. Foram levantados pontos que permitiram estabelecer um contraponto entre o atendimento assistencialista e o atendimento educacional ampliando a reflexão a respeito da qualificação profissional. A meta central da atividade foi o reconhecimento do professor de Educação Infantil. Quem é este sujeito? Quais são os quesitos para ocupar este cargo? Os anúncios foram afixados em um mural para apreciação do grupo, possibilitando a análise das características identificadas pelas coordenadoras. Observou-se que ainda existe a percepção de que o profissional que atua neste segmento precisa ter características voltadas para a afetividade. O que levou o grupo a perceber que para consolidar o perfil do profissional que atua na Educação Infantil é importante desprender-se dos laços afetivos traçando um caminho de formações iniciais e continuadas fortalecendo as práticas educativas.

Após a dinâmica, iniciamos o grupo focal tendo como tema gerador as Leis 10.639/03 e 11.645/08 e a Política de Promoção da Igualdade racial. A discussão foi conduzida visando a troca de experiências, opiniões, conhecimentos, sentimentos e vivências acerca do trabalho desenvolvido nas instituições, levando em consideração o principal papel do coordenador que é planejar, orientar, articular e avaliar os projetos de trabalho, assim como, a construção e execução do Projeto Político Pedagógico e Implementação das Leis.

Foram usadas tarjetas de cores diferentes onde cada participante nomeou o que mais a incomoda, o que mais a alegra, quais são os maiores desafios enfrentados e suas perspectivas acerca do trabalho com as relações étnico-raciais e a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 na sua instituição. As tarjetas amarelas indicavam os incômodos, as verdes, os desafios, as laranjas, as alegrias e as de cor rosa, as perspectivas acerca do trabalho desenvolvido em cada instituição. Foi um momento tenso com divergências de opiniões, onde ficaram claras as especificidades e fragilidades de cada instituição.

O único incômodo apontado pelo grupo está associado às crenças e à religiosidade bastante evidentes, mesmo porque, algumas instituições da rede parceira têm como mantenedoras igrejas evangélicas, que consideram algumas práticas como, por exemplo, tocar tambores, oriundos de “macumba”. Assim, o grupo apontou como caráter de urgência a busca por ações que promovam a desmistificação de algumas crenças, aprofundando mais a temática junto às instituições através de formações e estudos.

Foram apontados muitos desafios na prática pedagógica relacionados à implementação das leis, como a falta de diálogo que muitas vezes é substituído por enfrentamentos e discussões. Resistências ancoradas em valores e crenças acompanhados de julgamentos, tanto da família, quanto de professores que ainda necessitam ampliar seus olhares e aprofundar seus estudos baseados na temática. A postura de algumas famílias que se sentem invadidas, não aceitando algumas práticas pedagógicas como o livro de literatura, a roda de conversa e/ou oficinas com temáticas étnico-raciais. Elas julgam que essas práticas não estejam de acordo com suas crenças e concepções. A tradição de comemorações e eventos nas escolas como festa junina, páscoa e natal que são baseados no calendário do cristianismo, também estão na lista dos desafios uma vez que, algumas famílias praticantes de religiões não cristãs, não concordam com a participação dos filhos, gerando conflitos e desconfortos nas relações entre família e escola.

O grupo apontou a necessidade de ressignificar as práticas pedagógicas de maneira a não favorecer nenhuma religião, uma vez que as crenças religiosas têm sido um grande desafio tanto para a aceitação das famílias, quanto para as práticas pedagógicas de alguns professores que não concordam em trabalhar a temática étnico-racial, devido ao fato de estabelecerem relação com as crenças africanas como o Candomblé e a Umbanda. A formação de professores também é questionada e se torna um dificultador, uma vez que são ofertadas em horário de trabalho, o que torna necessário que as escolas se organizem internamente para a liberação dos profissionais. Algumas vezes, essa reorganização gera

transtornos ou até mesmo a impossibilidade de liberação dos profissionais para participação. O que gera constantes conflitos entre a escola e o profissional que entende ter seu direito violado, quando não é possível a articulação com a escola para participar das formações.

Dentre as alegrias foram apontadas a inovação das práticas pedagógicas e maior aceitação e participação das famílias no trabalho desenvolvido com as crianças. O diálogo entre professores e o interesse em participar de formações e estudos sobre a temática têm sido vistos como impactos positivos no trabalho de implementação das leis.

Dentre as perspectivas, está a desmistificação de conceitos e preconceitos envolvidos em trabalhos voltados para as questões étnico-raciais e a ousadia e inspiração para o desenvolvimento de novas práticas. Há também a expectativa de investimentos em formação de professores e materialidade para as instituições como brinquedos e livros de literatura de cultura africana, afro-brasileira e indígena para apreciação e manipulação das crianças e materiais para estudo de enriquecimento e ampliação intelectual dos professores.

Após a identificação e discussão a respeito dos incômodos, alegrias, desafios e perspectivas, a proposta de trabalho foi registrar cartograficamente através de imagens recortadas de revistas, símbolos ou palavras que representassem seus medos e ansiedades vividos acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas nas relações étnico-raciais. Ao registrar cartograficamente usando imagens recortadas de revistas e palavras, representando seus sentimentos, medos e ansiedades vividas no desenvolvimento de seu trabalho na Educação Infantil, dentro da temática das Relações étnico-raciais, o grupo de coordenadoras concluiu que nas práticas pedagógicas tem que lidar mais com os desafios, do que com as alegrias, incômodos e perspectivas. Apontaram que se vencerem os desafios, mais facilmente superarão as perspectivas, mas a pergunta é, como? Reavaliando as práticas pedagógicas que são desenvolvidas pelas instituições? Oferecendo formação de professores? Favorecendo a participação e repasse das reuniões do núcleo étnico-racial?

Algumas instituições já incorporaram as leis 10.639/03 e 11.645/08, em seu Projeto Político Pedagógico e desenvolvem projetos ao longo do ano letivo, porém ainda é necessário ampliar o olhar para avançar para além da contação de histórias e brincadeiras. O que evidencia a necessidade de que todo o processo de cuidar e educar caminhe junto com o respeito, a desmistificação de conceitos e o combate ao preconceito velado tornando as leis como parte integral do currículo e não uma obrigatoriedade.

As coordenadoras de todas as instituições relatam que já houve muitos avanços neste sentido e foram realizadas iniciativas e investimentos por parte de seus gestores em materialidade e formação de professores, além de promoção de rodas de conversas com as famílias e apresentações com a temática indígena, africana e afro-brasileira como dança com tambores, gincanas nas festas da família com brincadeiras africanas, oferta de aula de capoeira e maculelê para as crianças da educação infantil, oficinas de brinquedos africanos e o dia dos dengos e cafunés. Este último, tem sido uma ação de mobilização desenvolvida pelas instituições junto à comunidade escolar que acontece uma vez por ano no mês de agosto, entretanto o grupo considera que ela pode e deve acontecer durante todo o ano letivo. A ideia é contribuir para o engajamento das crianças, famílias e profissionais da educação em dinâmicas escolares e comunitárias que promovam vivências nas quais as diferenças sejam experienciadas enquanto características de pertencimento e não como referências valorativas entre os grupos.

O grupo aponta que, apesar de todo o trabalho e investimento que tem sido feito neste sentido, todos sempre vivenciam em suas rotinas, constantes embates e enfrentamentos envolvendo as famílias e professores em relação às práticas desenvolvidas por considerá-las desnecessárias ou até afrontosas às crenças e tradições. No compromisso de manter o sigilo dos depoimentos, assim como das instituições envolvidas, apenas são citados alguns relatados das participantes do grupo focal, envolvendo essas dificuldades:

- a) Após o desenvolvimento, junto às crianças, de uma oficina sobre a boneca Abayomi, uma família enfurecida fez uma denúncia junto a Diretoria Regional de Educação Leste, afirmando se tratar de uma boneca ligada a macumbaria.
- b) Na intencionalidade de cuidar das crianças, a professora sempre penteava os cabelos das meninas. No entanto, ela deixava as meninas de cabelo crespo por último, por julgar ser um cabelo mais difícil de cuidar.
- c) Algumas professoras, habitualmente, fazem, com a participação da turma, orações na chegada, antes das refeições e de agradecimento. Geralmente, essas orações remetem a uma religião específica em detrimento das outras.
- d) Intolerância, por parte de profissionais, em lidar com crianças de comportamento agressivo e agitado retirando-as do convívio dos demais.
- e) Resistência de professores em contar histórias que tratam das temáticas étnico-racial e indígenas.
- f) Resistência para uso de materialidade voltada para as questões étnico-raciais.

- g) Ações equivocadas de profissionais com o desenvolvimento de trabalhos voltados para o cuidar educando e educar cuidando.
- h) Resistência por parte dos professores em desenvolver ou participar de projetos institucionais com a temáticas étnico-raciais.

O Plano Nacional de Educação, aprovado em junho de 2014, avança quando afirma a erradicação de todas as formas de discriminação. No entanto, para que sejam combatidas, elas precisam antes ser identificadas, processo nem sempre tão simples, uma vez que a naturalização de comportamentos discriminatórios e preconceituosos são corriqueiros nos espaços educacionais e em muitos casos não são vistos como intencionais.

Ao analisar o que pode e deve mudar, o que persiste e o que está em processo de transformação nas discussões e propostas de trabalho que envolvem as relações étnico-raciais, cada coordenadora expôs seu ponto de vista. Por fim, concluíram que é necessário refletir sobre as posturas envolvidas nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições. Além disso, é fundamental que a comunidade escolar seja convidada a atuar de forma propositiva neste movimento de busca a coexistência e a convivialidade, desenvolvendo e divulgando ações que promovam a interação das crianças com as culturas africanas, afro-brasileiras, indígenas, assim como, quilombolas e/ou ciganos. A proposta é desenvolver ações pedagógicas de enfrentamento às práticas discriminatórias nas escolas, bem como fomentar estratégias de promoção da igualdade, reconhecendo e respeitando a diversidade. A articulação entre técnicas e estratégias com uma postura pedagógica crítica e transformadora viabiliza o trabalho desenvolvido, oferecendo condições para a construção de uma consciência de grupo. Para tanto, é necessária uma revisão de valores e atitudes culturais e sociais até então introjetados e aceitos sem discussão.

A docência é um exercício educativo orientado para a transformação, por meio de uma relação dialógica e participativa, o que faz da escola cenário de conflitos e espaço para a promoção do diálogo.

Ao longo da construção do grupo focal, buscou-se refletir sobre a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas práticas da Educação Infantil, seus desafios, perspectivas e conflitos. Observa-se que, em algumas instituições, as leis foram implementadas e que, nas práticas desenvolvidas por algumas professoras, o respeito às especificidades das crianças, bem como a valorização do protagonismo infantil, estão presentes. Foram relatadas experiências positivas e negativas acerca do trabalho

desenvolvido pelas escolas. Essas experiências negativas nos preocupam, uma vez que a Educação Infantil é o alicerce das interações para as crianças pequenas.

A devolutiva dos encontros do grupo focal aconteceu no dia 24 de maio. Na devolutiva no dia 24/05, refletiu-se acerca dos apontamentos feitos nos encontros anteriores, com o objetivo de elaborar estratégias de trabalho, frente a essa temática. O propósito foi de articular com o grupo as diretrizes e metas a serem alcançadas em cada instituição. O objetivo deste encontro foi levar o grupo a perceber e identificar quais mudanças seriam necessárias, de maneira a abranger a temática das relações étnico-raciais nas instituições em que cada um atua, assim como o papel e ações das coordenações nesse processo. As mudanças apontadas pelo grupo foram:

- a) Rever as práticas que vêm sendo desenvolvidas.
- b) Investir em formação de professores.
- c) Rever as práticas que vêm sendo desenvolvidas.
- d) Desenvolver experiências multiculturais que valorizem e dialoguem com a diversidade de valores, crenças e costumes trazidos pelas crianças e suas famílias.
- e) Reconhecer e valorizar a diversidade cultural da comunidade escolar.
- f) Estabelecer relações de respeito entre professores e alunos.
- g) Propor ações práticas que estejam em consonância com a igualdade, respeito e ética.
- h) Promover intervenções frente às manifestações segregatórias, discriminatórias e preconceituosas.
- i) Atualizar e organizar o Projeto Político Pedagógico (PPP) considerando as questões étnico-raciais.
- j) Adquirir materiais que contemplem as leis 10.639/03 e 11.645/08.
- k) Promover ações educativas sobre essa temática com a comunidade escolar.
- l) Desenvolver ações pedagógicas de enfrentamento às práticas discriminatórias.
- m) Fomentar estratégias de promoção da igualdade reconhecendo e respeitando a diversidade.
- n) Promover círculos restaurativos entre os professores.
- o) Efetivar ações envoltas das leis 10.639/03 e 11.645/08.

Após as dinâmicas e a devolutiva do material coletado nos momentos de interação, foi proposta a formação de um núcleo de significação, para o qual o grupo apontou ações e estratégias de trabalho, como apresentado à frente. Pretende-se que essas ações e estratégias sejam desenvolvidas junto aos professores e educadores das instituições de atuação dos coordenadores participantes. A intenção foi

possibilitar, aos profissionais, o desenvolvimento de um conjunto de competências e habilidades voltadas para o estudo das Relações étnico-raciais conforme prevê as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Assim, no encontro do dia 28/06 elaboram um documento, no qual apontaram essas diretrizes e metas, estipulando prazos para que elas fossem aplicadas/desenvolvidas em cada instituição.

1.2. Núcleo de significação

De acordo com Aguiar (2013), o núcleo de significação é um momento de fechamento do grupo focal norteador caminhos e estratégias de trabalho coletivo. Neste caso, o núcleo de significação foi constituído em resposta à necessidade manifesta pelo grupo de coordenadoras participantes do grupo focal que foi desenvolvido neste plano de ação; acerca do aprimoramento das práticas pedagógicas nas relações étnico-raciais que tem sido desenvolvido nas instituições de Educação Infantil, da Regional Leste.

Baseando-se em toda a trajetória das dinâmicas que foram desenvolvidas, as coordenadoras evidenciaram a necessidade de criar metas a serem alcançadas ao longo do ano de 2019, com o intuito de dar maior enfoque e significado ao trabalho que vem sendo desenvolvido, no sentido de implementar efetivamente as Leis 10.639/03 e 11.645/08 nas instituições que atuam.

As metas e períodos de execução das atividades a serem cumpridas, propostas no núcleo de significação, foram definidos a partir das reflexões e questões discutidas no grupo focal. O quadro a seguir é uma sistematização do trabalho a ser realizado e das discussões oriundas dos encontros.

Quadro 1. Metas, autores e período de execução

Metas	Atores	Período de execução
Círculos restaurativos de Diretrizes de trabalho.	Coordenação, professores gestão escolar, regional	Imediato
Atualizar e inserir no Projeto Político Pedagógico as leis 10.639/03 e 11.645/08.	Coordenação, professores gestão e comunidade escolar	Curto prazo
Promover formação continuada de professores com base nas diretrizes curriculares Municipal para as relações étnico-raciais.	Gestão	Imediato
Adequar as estratégias de ensino de maneira a promover a igualdade racial.	Coordenação, professores gestão	Imediato
Incentivar a participação de um representante da instituição no Núcleo de estudos étnico- raciais da regional Leste.	Coordenação, professores gestão e comunidade escolar	Imediato
Manter permanente diálogo na instituição de ensino garantindo a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08.	Coordenação, professores gestão e comunidade escolar	Imediato
Fortalecer a relação família-escola proporcionando maior interação e participação da família no espaço escolar.	Coordenação, professores gestão e comunidade escolar	Curto prazo
Aquisição de materiais didático-pedagógicos que respeitem e promovam a diversidade.	Gestão	Curto prazo
Preenchimento da Ficha de anamênese (documento obrigatório para todas as crianças da Ed. Infantil, a fim de estabelecer um contato mais próximo com as famílias).	Professores	Imediato
Promover oficinas de jogos, brincadeiras e contação de histórias.	Gestão e coordenação	Curto prazo
Aquisição de livros literários, organização de cantinhos da leitura sobre a temática étnico-racial.	Gestão	Curto prazo
Construir coletivamente alternativas pedagógicas de trabalho.	Gestão, coordenação e professores	Imediato
Planejamento de Formações	Gestão, coordenação e professores	Imediato

Fonte: Própria autoria.

As metas de intervenção elaboradas pelo grupo, consideram a vivência da problemática na rotina das instituições, propondo a inserção dos alunos em práticas baseadas na criatividade, na diversidade e na realização de ações pedagógicas que estimulem o protagonismo e a participação ativa dos sujeitos.

Conclui-se que a técnica do grupo focal propiciou momentos de profunda reflexão acerca do papel da coordenação e sua articulação junto ao grupo de professores e suas práticas pedagógicas voltadas ao tema das relações étnico-raciais, assegurando assim a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 na Educação Infantil. O processo permitiu, ainda, uma maior compreensão sobre as formas pelas quais cada coordenadora tem vivenciado suas práticas.

1.3. Protagonismo em rede

A prefeitura de Belo Horizonte, através de parcerias e investimentos em congressos, seminários e formação continuada vem incentivando a qualificação e valorização dos profissionais da educação. As formações são consideradas de suma importância, uma vez que se trata de um momento reflexivo, de fortalecimento da prática educativa, assim como da identidade profissional.

Investimentos em especialização, cursos e formações são ações que visam a adequação do currículo tornando o profissional da Educação Infantil um pesquisador/investigador que se propõe ao contínuo exercício de ver, analisar, ouvir e refletir sobre suas práticas.

Uma das atribuições do Apoio Pedagógico que acompanha as instituições, é contribuir efetivamente para a formação de professores e educadores pautando-se nas resoluções Municipais, e nas Proposições Curriculares para Educação Infantil, levando para as instituições discussões e formações no intuito de aperfeiçoamento do trabalho e qualificação dos profissionais.

Como uma das metas a serem alcançadas, apontadas pelo núcleo de significação, foi planejada, junto às coordenadoras envolvidas no plano de ação, formações para serem realizadas nas instituições junto ao grupo de professores, a fim da consolidação das metas que foram estabelecidas pelo grupo focal.

No calendário escolar da rede parceira (creches) está previsto um dia por mês, no qual os professores participam de formações, seminários, congressos encontros ou reuniões de planejamento. No total, são nove dias ao longo do ano letivo, nos quais os alunos são dispensados para que os professores possam participar dessas atividades. Na rede própria, EMEIS e Escolas Híbridas, as formações ou reuniões acontecem nos horários de extraclasse. A participação em congressos seminários ou cursos fora da instituição de trabalho, só são possíveis mediante acordos de dispensa ou organização interna de cada instituição.

As formações relatadas neste trabalho aconteceram em datas posteriores aos encontros do grupo focal, com o intuito de promover rodas de conversas junto aos professores. O objetivo foi levar aos docentes subsídios teóricos, promovendo diálogos acerca do trabalho referente às relações étnico-raciais desenvolvidos na prática pedagógica e verificar o cumprimento das metas que foram elaboradas pelas coordenadoras no grupo focal.

As formações foram planejadas de acordo com as especificidades ou necessidades apontadas pela coordenadora de cada instituição. As formações acontecerem nas creches 1, 2 e 3 e EMEI. Ela não foi realizada apenas na Escola Híbrida, devido a organização dos tempos e adequação da rotina escolar.

Fotografia 2. Formação Creche1, 2019



Fonte: Própria autoria

1.4. Construindo a identidade escolar (Projeto Político Pedagógico)

A primeira formação após o grupo focal, aconteceu na Creche 1, onde abordou-se a importância do Projeto Político Pedagógico para a escola. Participaram da formação a coordenadora e o grupo de seis professoras. Iniciou-se com uma conversa informal sobre o que é o Projeto Político Pedagógico e sua importância. Na proposta curricular deve ficar claro o que será ensinado e qual será a metodologia adotada, além das diretrizes adotadas pela instituição para avaliação da aprendizagem. A construção deste documento deve ser colaborativa, envolvendo toda a comunidade escolar. Essa ferramenta deve ser completa, funcionando como um guia para o grupo e ela deve ser adaptada às necessidades de cada estudante.

Nesse encontro foram apresentados *slides* sobre a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP). Em um segundo momento, todas as professoras deram suas contribuições, adequando-o de acordo com a realidade da instituição. Para tanto, consideraram o contexto das famílias das crianças atendidas, a análise socioeconômica, a estrutura física, os recursos tecnológicos, as atribuições dos profissionais, a formação exigida e as diretrizes pedagógicas.

Conversou-se sobre o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana. Foi ressaltado que esse trabalho acontece de maneira esporádica, marcando eventos e ações isoladas como a semana da Infância, no mês de agosto, quando são propostas brincadeiras e jogos africanos com as crianças. Outro evento lembrado foi o dia dos Dengos e Cafunés quando são promovidos desfiles com as crianças e contação de histórias com narrativas sobre a temática.

Foram apresentadas as Leis 10.639/03 e 11.645/08. O grupo mostrou muitas dúvidas e trouxe vários questionamentos acerca do trabalho a ser desenvolvido em atendimento a essas leis. Alguns desses questionamentos foram: Onde encontrar materialidade, como livros que tratam da temática? Como envolver as famílias neste trabalho?

O primeiro passo foi encontrar subsídios para o trabalho nas proposições Curriculares para a Educação Infantil e nas Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação das Relações étnico- raciais. O segundo passo foi acrescentar na atualização do documento Projeto Político Pedagógico (PPP) as Leis 10.639/03 e 11.645/08. Definiram também um representante da instituição para participação efetiva no núcleo de estudos étnico-raciais, para participar das reuniões que acontecem uma vez por mês na Regional Leste. Por fim, ficou acordado que esse representante garantirá o repasse dos estudos para todo o grupo em momentos de estudos, com o intuito de subsidiar o grupo no estabelecimento de metas de trabalho.

Após este encontro, a Creche1 vem criando estratégias de trabalho junto às famílias e desenvolvendo ações que estão influenciando positivamente as relações interpessoais na instituição. Alguns exemplos são a festa da família, que foi totalmente pautada na diversidade e promoção da igualdade, por meio de oficina de turbante, contadores de história da comunidade e gincanas com brincadeiras e jogos africanos. Essas ações também garantiram a participação da instituição na Semana da Educação promovida pela Secretaria Municipal de Educação, no mês de setembro. A creche participou do evento, expondo para toda a cidade os trabalhos feitos pelas crianças, além de suas ações desenvolvidas acerca das relações étnico-raciais, da participação efetiva da instituição nos núcleos de estudos étnico-raciais e aquisição de materiais didático-pedagógicos.

Fotografia 3. Tenda Brincante, Parque Municipal, 2019



Fonte: Fonte: Própria auditoria

1.5 Cuidar e Educar

A segunda formação aconteceu na EMEI e contou com a participação das coordenadoras geral e parcial, da vice-diretora e de vinte professoras. A pauta foi o “cuidar e educar” nas relações étnico-raciais. Refletimos sobre o que é ser professor da Educação Infantil, a partir de temas como as vivências educativas, a superação da concepção assistencialista e como superar o desafio de garantir que o trabalho na Educação Infantil seja totalmente alicerçado por práticas educativas de ensino efetivas.

De acordo com a LDB 9.493/96, a escola é reconhecida como espaço educativo que deve possibilitar vivências e experiências de forma intencional, a fim de garantir o desenvolvimento integral da criança. Nessa perspectiva, o professor de Educação Infantil deve oferecer estímulo, criar estratégias e situações que estimulem a curiosidade e visem o desenvolvimento e a aprendizagem de maneira a garantir as interações entre os pares, proporcionando e promovendo as relações.

Iniciamos o encontro com a música “seu olhar” de Arnaldo Antunes, a partir da qual conversamos sobre o olhar atento do professor. As professoras trouxeram situações vividas nas questões do cuidar educar, onde são exigidos um olhar cuidadoso, despidido de julgamentos e preconceitos.

Na Educação Infantil o atendimento é voltado a crianças de 0 a 5 anos. Isso exige do profissional que ele desempenhe ações relacionadas ao cuidar e educar que são indissociáveis. Assim, faz-se necessário atribuir saberes pedagógicos aos cuidados que se devem ter para com as crianças pequenas como: banho, trocas de fraldas, assistência ao uso do banheiro e higiene bucal, auxílio na alimentação.

As professoras relataram sobre a dificuldade em entender como se dá efetivamente o cuidar e o educar, uma vez que não vêm possibilidades de desenvolver um trabalho efetivo de educar com as crianças da instituição. Já que o atendimento é feito com crianças na faixa etária de 1 a 5 anos. Ressaltam que o cuidar se sobressai ao educar, uma vez que o perfil das crianças atendidas é de alta vulnerabilidade, em sua maioria negras, pertencentes a famílias organizadas de maneiras diferentes. As professoras se deparam com diversas situações delicadas envolvendo maus-tratos e negligência, onde o direito da criança não é respeitado. Visando a interlocução e respeito mútuo entre família e escola, pautou-se a conversa no objetivo maior, a criança. Buscou-se subsídios para a reflexão nas Proposições Curriculares para Educação Infantil (2016, p. 59) que define:

Escola e família são âmbitos separados que precisam coexistir e complementarem-se durante um período significativo da vida de crianças e adolescentes. Em função disso, torna-se essencial buscar conjuntamente, maneiras de compreensão das especificidades de cada uma destas instituições e formas colaborativas de atuação.

Diante desta reflexão, o grupo foi convidado a despir-se de apontamentos e julgamentos às famílias, estabelecendo estratégias de trabalho que tenham a criança como foco, respeitando suas competências e habilidades e procurando, dentro do possível, estabelecer diálogos de parceria e inserção das famílias na vida escolar das crianças.

Mesmo tratando-se da Educação Infantil, a vivência de práticas discriminatórias é elemento de forte interferência na relação “cuidar e educar”. Portanto, é importante atentar-se para conceitos e concepções que desvalorizam e inferiorizam crianças em situação de vulnerabilidade. As práticas com intencionalidades educativas contribuem significativamente com a formação da identidade da criança. Além disso, é fundamental que a escola implemente vivências que valorizem a equidade e o respeito. Ressalta-se que é de extrema importância que o grupo reflita a respeito de suas concepções pessoais que inconscientemente podem fortalecer o preconceito e a discriminação. Essa prática, priva a criança de seu direito à educação, de ter seus saberes e conhecimentos acolhidos e ampliados, de maneira a favorecer positivamente seu desenvolvimento e contribuindo para a construção de sua identidade.

Com o objetivo de proporcionar segurança e o entendimento de todas as ações que devem ser desenvolvidas cotidianamente, as rotinas são elementos estruturadores para as crianças no ambiente institucional. Elas possibilitam a organização dos tempos e das práticas diárias, levando as crianças a compreenderem o papel e a função dos ambientes da escola, além de proporcionar autonomia e independência no uso dos tempos e espaços. Baseados na importância dessas atividades, organizou-se o quadro da rotina visando a diversificação de experiências que possibilitem modalidades diferenciadas de aprendizagem, de forma a promover a interação das crianças e as infinitas possibilidades do cuidar educando e do educar cuidando. Isso é o que diferencia o atendimento escolar institucional das intencionalidades educativas.

Foi proposto o estudo sistemático das Proposições Curriculares para Educação Infantil, para as professoras, assim como o material de Leitura e Escrita para Educação Infantil. A intenção foi trazer possibilidades de trabalho, ampliação do olhar e estratégias de trabalho que contemplem o educar valorizando a identidade das crianças atendidas e respeitando as especificidades de cada uma e de suas famílias.

No mês de setembro, a instituição participou da Semana da Educação, promovida pela Secretaria Municipal de Educação levando para as ruas da cidade a Tenda Literária, com diversos títulos de histórias afro-brasileiras, africanas e indígenas. A tenda faz parte da rotina da instituição. Nela as crianças têm livre acesso, assim como suas famílias, enriquecendo a rotina escolar, fortalecendo as ações acerca da implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 e fazendo cumprir o plano de metas estabelecido pela coordenadora no grupo focal.

1.6. Restaurando as relações

A terceira formação foi em forma de círculo restaurativo, na Creche 2, sobre Diretrizes de trabalho. Neste encontro, participaram cinco professoras e a coordenadora. A prática do círculo está fundamentada na ideia de restaurar conflitos estabelecidos em um grupo ou tomadas de decisões. No círculo, desenvolveu-se um conjunto de diretrizes para a equipe de trabalho. Os acordos estabelecidos foram a respeito de como trabalham juntos e como tratam uns aos outros.

Neste caso, o objetivo foi restaurar conflitos estabelecidos, com o intuito de desenvolver um conjunto de acordos sobre como se dará o trabalho na instituição pautado na diversidade, respeito mútuo e promoção da igualdade racial.

O círculo é um ritual e em seus significados está a ideia de comunidade, uma vez que para se formar um círculo são necessárias mais de duas pessoas. A ideia singular e democrática também está presente. Sentar-se em roda mostra que todos estão incluídos de maneira igual, o que transmite solidariedade e democracia. O círculo é uma ferramenta poderosa para função básica de restabelecer as relações e os vínculos desconectados.

Elementos essenciais na construção do círculo:

- a) Dispor os participantes em círculo.
- b) Cerimônia de abertura: o marco que inicia o círculo.
- c) Peça no centro do círculo: Ponto de referência que dá suporte representando valores promovendo a sensação de colhimento, e que pode estar relacionado com o tema do círculo.
- d) Objeto da palavra: é passado de pessoa por pessoa o que permite que, quem esteja com o objeto, não seja interrompido e os ouvintes mantenham o foco na escuta.
- e) Identificação de valores: discutir os valores que julgam importantes e queiram trazer para o diálogo.
- f) Geração das Diretrizes com base nos valores: definição das Diretrizes e padrões a serem seguidos.
- g) Perguntas norteadoras: perguntas para estimular o diálogo.
- h) Acordos: as decisões que foram tomadas no círculo onde todos se responsabilizam.
- i) Cerimônia de encerramento: momento de reflexão, que pode ser silencioso ou um momento cultural.

O facilitador do círculo assiste o grupo, estimulando as reflexões e trazendo perguntas norteadoras e conduzindo todo o processo, de modo a assegurar o bem-estar de todos os envolvidos.

A cerimônia de abertura foi um momento cultural com a música “Ando devagar”, de Almir Sater, o que levou todos a refletirem sobre sua construção como professora de Educação Infantil e suas relações estabelecidas no ambiente de trabalho. Na primeira rodada, cada uma disse como estava se sentindo. Como saiu de casa. Quais sentimentos estava trazendo consigo.

Foi apresentado, no centro do círculo, fotos da pesquisadora/mediadora do grupo, enquanto estudante e da trajetória profissional, com intuito de levar o grupo a refletir sobre sua própria história e sua

trajetória na educação. O objeto de fala foi uma caneta que a pesquisadora ganhou de uma mãe de aluno há muitos anos, mas que significa muito; pois, foi o primeiro presente recebido como reconhecimento do trabalho. Foi explicado a todas como se dá a dinâmica do círculo restaurativo e partiu-se para a segunda rodada.

As participantes foram convidadas a escrever o que julgam ser importante no trabalho desenvolvido com seus alunos e cada uma apresentou o valor escrito, agregando-o ao centro do círculo. Apareceram o amor, o comprometimento, a formação continuada, a interação com as famílias, trabalho em equipe e a articulação com a coordenação.

Na terceira rodada, cada participante contou sua trajetória profissional, seus desafios e anseios na prática pedagógica. Foi um momento de muita emoção e reflexão acerca do papel da professora, assim como se dá sua interação com seus alunos no ambiente de trabalho.

A quarta e última pergunta foi: como aprofundar criativamente o trabalho pedagógico nas relações étnico-raciais?

Com esta pergunta, cada participante dialogou a respeito de seus desafios e dificuldades em lidar com situações relacionadas ao “cuidar e educar”, refletindo sobre a sua prática e suas diretrizes de trabalho e como se dão suas interações com o grupo.

Este círculo foi um momento em que o grupo refletiu sobre sua postura, dando significado às suas práticas, fortalecendo a equipe de trabalho, proporcionando empatia e conexão. Neste momento, foi proposto um conjunto de acordos sobre como os adultos vão trabalhar juntos na escola, de modo que apresentem um modelo efetivo e respeitoso de interação.

Na cerimônia de encerramento ouvimos a música “Admirável gado novo” de Zé Ramalho. Ressalta-se que as relações estabelecidas entre sujeitos devem pautar-se no respeito e no reconhecimento da diversidade visando práticas colaborativas e o trabalho em equipe o que contribuirá para o pleno desenvolvimento das crianças atendidas.

Fotografia 4. Círculo Restaurativo, creche 3, 2019



Fonte: Própria autoria.

1.7. Organização dos espaços

A quarta formação foi na Creche 3, o tema da conversa foi sobre a organização dos espaços proporcionando a autonomia das crianças e aquisição de materialidade de maneira a favorecer as práticas voltadas para as relações étnico-raciais. Tivemos como leitura preliminar as Proposições Curriculares para Educação Infantil, pag. 119 a 125.

Neste encontro, foi feito um *tour* pela instituição com o objetivo de identificar os empecilhos/dificuldades/desafios para o melhor desenvolvimento de práticas educativas. Durante o passeio pela instituição, dialogou-se a respeito do que foi estudado e de como a instituição estava organizada.

Observou-se que as salas de aula estavam com excesso de móveis dificultando a circulação das crianças e adultos, impossibilitando a criação de cantinhos temáticos como o de leitura e possíveis momentos de roda de conversa. Outro apontamento foi em relação a disponibilidade de materiais ao alcance das crianças proporcionando a autonomia no uso/seleção de materiais. Os objetos de uso pessoal como mochilas e copos ficam guardados em escaninhos onde as crianças não alcançam. A disposição dos murais, quadro e espelhos também limitam o acesso das crianças. Ao observar os brinquedos, constatou-se a ausência de bonecas negras e livros de literatura que tratam de histórias com as temáticas afro-brasileira, africana e indígena.

É de responsabilidade das instituições promover a igualdade étnico-racial, selecionando e adquirindo brinquedos e materiais que estejam presentes, bonecos e bonecas negros e brancos e de outras etnias que julgar necessária, tapetes, cortinas, almofadas que tragam padronagens indígenas e africanas, quadros, potes vasilhame, roupas e adereços das diversas origens étnicas das crianças que frequentam a instituição (Proposições Curriculares para Ed. Infantil, 2016, pag. 125, fundamentos).

Após a observação dos espaços, as professoras juntamente com a coordenadora, listaram todos os aspectos relevantes, tendo como subsídio teórico a leitura do documento Proposições Curriculares para a Educação Infantil, feita preliminarmente. Isso causou um grande incômodo ao grupo, uma vez que estavam acomodadas, acostumadas às mesmas práticas repetitivas e rotineiras, sem atentar-se para novas possibilidades. Percebeu-se a necessidade de fazer novos encontros, com o intuito de readequar e desmistificar concepções que não promovem a diversidade e autonomia das crianças. Trata-se de um grupo com práticas tradicionais de ensino, no qual o adulto é o centro do cotidiano pedagógico, impossibilitando o protagonismo das crianças, assim como a interação com as famílias. Outro fator relevante é a questão das crenças religiosas das professoras, o que é um grande desafio e requer estudo, formação e pesquisa.

A partir do registro do relatório *in loco*, foi solicitada a organização dos espaços e aquisição de materialidade, de modo que estejam a favor do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, contribuindo de forma efetiva para seu desenvolvimento. Uma semana após o encontro percebeu-se, através de uma visita, que a instituição já demonstrava mudanças em sua organização, assim como já havia providenciado novos materiais, de acordo com as orientações.

A pesquisadora foi convidada para voltar nos meses de outubro, novembro e dezembro para diálogos com o corpo docente e reflexões acerca das práticas pedagógicas, com o intuito de ampliarem seus olhares e possibilidades de ensino, cumprindo assim as metas estabelecidas pelo grupo focal com a participação da coordenadora.

O encontro com os professores da escola híbrida ainda não aconteceu, devido a organização dos tempos e adequação da rotina escolar, uma vez que se trata de uma escola maior e com maiores especificidades. Porém, o cumprimento das metas está sendo acompanhado através de encontros com a coordenação geral e parcial. Até o momento, percebeu-se que a escola vem se envolvendo em atividades que favorecem as boas relações étnico-raciais, através de eventos como sessões de leitura literária, com a participação de contadores de histórias com livros de Literatura Afro-brasileira; feira

de cultura, com participação da comunidade local como trançadeiras e oficina de turbantes; exposição de trabalhos das crianças e degustação de pratos de origem africana, Afro-brasileira e indígena.

2. Considerações Finais

A metodologia de grupo focal neste trabalho, contribuiu de maneira efetiva para o levantamento de dados apontando as dificuldades, perspectivas e desafios diante da Prática Pedagógica nas relações étnico-raciais.

Conclui-se que a metodologia propiciou intensas reflexões acerca do papel do coordenador pedagógico e sua articulação com o corpo docente garantindo práticas desenvolvidas nas instituições de Educação infantil acerca das relações étnico-raciais e implementação da Leis 10.639/03 e 11.645/08. O que permitiu a elaboração de um plano de metas facilitando novas construções e percepções.

De um modo geral, as coordenadoras têm se comprometido no cumprimento das metas estabelecidas pelo grupo focal. Mobilizando professores e educadores, assim como os gestores através de iniciativas e projetos que possibilitem a implementação da Leis 10.639/03 e 11.645/08 nas instituições de Educação Infantil. Atualização do Projeto Político Pedagógico, aquisição de materialidade e participação no núcleo de estudos sobre as relações étnico-raciais são ações que já estão garantidas por todas as instituições que participaram do trabalho. Organização e adequação dos espaços dependem das condições de cada instituição. Percebe-se que este trabalho vem propiciando momentos de reflexão e busca por práticas significativas que valorizem a cultura e a diversidade.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria J.; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos; aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília. 94.n.236.p. 299-322, jan/abr.2013.

BARBOUR, Rosaline. **Grupo focais**. Porto Alegre: Artmed,2009. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte.

BELO HORIZONTE. **Instrução de serviço Secretaria Municipal de Educação nº001/2009**, de 10 de fevereiro de 2009.

BELO HORIZONTE. Portaria da **Secretaria Municipal de Educação nº 241**, de 16 de outubro de 2013.

BELO HORIZONTE. **Proposições Curriculares para Educação Infantil: fundamentos/ Ana Cláudia Figueiredo Brasil Siolva Melo (Org)- Belo Horizonte: SMED,2014. 136p.**

- BELO HORIZONTE. **Proposições Curriculares para Educação Infantil:** Desafios da Formação/ Ana Cláudia Figueiredo Brasil Siolva Melo (Org)- Belo Horizonte: SMED,2016. 190p.
- BELO HORIZONTE. **Secretaria Municipal de Educação/ Conselho Municipal de Educação resolução nº 001/2015**, de 05 de março de 2015.
- BELO HORIZONTE., **Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** 2004.
- BELO HORIZONTE., **Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** 2013.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. **Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996
- BRASIL. **Ministério da Educação.** “Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”. Novembro de 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 e 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.
- GAMA, M. E.; TERRAZZAN, E.A. **Características da formação continuada de professores nas diferentes regiões do país.** 30 Reunião da ANPED, 2007.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In:* Gaskell, G. Bauer, M.W.(Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, Vozes, 64-89, 2002.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais humanas.** Brasília-DF: Líberlivro, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”.** Currículo sem Fronteiras, V.12, n.1, pg. 98-109
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Paidéia (Ribeirão Preto).
- GUIMARAES, Valter Soares. O grupo focal e o conhecimento sobre identidade profissional dos professores. *In:* PIMENTA, S.G; GHEDIN, E.; FRANCO, M.A.S. (Org.). **Pesquisa em educação:** alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Loyola, 2006.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec, 2000.
- MORGAN, D. **Focus groups qualitative research.** Qualitative Research Methods Series.16. London: Sage Publications, 1997.
- PIZZOL, S.J.S. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, p.451-468, 2004.

PRANIS, Kay. **Círculos de justiça restaurativa da paz: guia do facilitador**/ por kay Pranis; tradução: Fátima De Bastiani. [Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas], 2011.

VEIGA, L., & Gondim, S. M. G. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político.** Opinião Pública, 1-15.

